

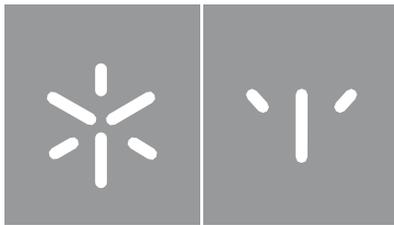


Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Ana Filipa Ferreira

Atitudes de estudantes universitários
relativamente a ofensores sexuais

Ana Filipa Ferreira
Atitudes de estudantes universitários
relativamente a ofensores sexuais



Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Ana Filipa Ferreira

Atitudes de estudantes universitários relativamente a ofensores sexuais

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Psicologia

Trabalho efetuado sob a orientação da
Doutora Olga Cunha e do Professor Doutor Rui Abrunhosa

Junhode2020

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição Não Comercial – Sem Derivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Amo Filipa do silbo feseiro

Agradecimentos

À minha orientadora, Doutora Olga Cunha, pelo acompanhamento constante, pela dedicação e comprometimento, por nunca ter duvidado das minhas capacidades e por nunca me ter deixado sozinha nestes momentos mais complicados.

A todos os membros do meu grupo de investigação – Doutor Professor Rui Abrunhosa, Doutora Andreia Rodrigues, Doutor Pedro Pechorro e os meus colegas – pela orientação e pelo apoio ao longo deste projeto.

À Marta Sousa pela paciência, pelo carinho, pela sinceridade e pelo auxílio nas horas mais desesperantes.

Às minhas amigas – Joana, Marta e Vera – pelo apoio constante e pela compreensão. A nós, que sobrevivemos a estes últimos cinco anos: conseguimos! À A. Teixeira e à A. Costeira pelo apoio incondicional ao longo deste longo processo.

Ao Pedro por ser o meu porto de abrigo, por ter acreditado em mim mesmo quando eu não acreditava e por nunca me ter deixado desamparada. Pela compreensão, pela paciência e por me ter escutado sempre que necessário.

À minha família, com especial carinho para a minha avó Camila, por ter acreditado em mim e por me ter apoiado em todas as minhas decisões.

Como não poderia deixar de ser, aos meus pais pelo apoio incondicional, pelo incentivo que me foram dando ao longo deste projeto e pela confiança que me depositaram. Sem o vosso auxílio, não seria possível alcançar o fim deste capítulo. Dedico este trabalho a vocês que sempre acreditaram nas minhas capacidades e sempre demonstraram o orgulho que sentem por mim.

Declaração de Integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

.....Ana Filipa da Silva Ferreira.....

Resumo

O presente estudo tem como objetivo principal compreender as atitudes de estudantes universitários relativamente aos ofensores sexuais e à sua reabilitação. Para além disso, pretende averiguar se as atitudes em relação aos ofensores sexuais variam em função de variáveis sociodemográficas e de personalidade. Para tal, foram administradas a Escala de Atitudes em relação a Agressores Sexuais, a Escala de Atitudes em relação ao Tratamento de Agressores Sexuais e o NEO *Five-Factor Inventory* a uma amostra de 418 estudantes dos cursos de Psicologia, Direito e Criminologia. Os resultados revelaram que as atitudes dos estudantes face aos ofensores sexuais e à sua reabilitação apresentam-se tendencialmente neutras, ainda que positivas. Ademais, foram encontradas diferenças entre as atitudes relativamente aos ofensores sexuais e à sua reabilitação e as variáveis sociodemográficas, nomeadamente, o curso e o ano de instrução. Posteriormente, foram realizadas duas regressões e verificou-se que a idade, o ano de instrução, a dimensão Abertura à Experiência e a dimensão Amabilidade contribuíram para os modelos. Estes resultados refletem sobre a importância de incluir na formação destes estudantes componentes específicas sobre os ofensores sexuais e a sua reabilitação, atendendo a que muitos destes indivíduos poderão trabalhar diretamente com estes ofensores.

Palavras – chave: Atitudes; Estudantes; Ofensores sexuais; Reabilitação

Attitudes of university students toward sex offenders

Abstract

The main goal of this study is to understand students' attitudes toward sex offenders and their rehabilitation. Furthermore, this study aims to analyze the influence of sociodemographic variables and personality dimensions on the attitudes of these students regarding to sex offenders. For these purposes, it was administered the Attitudes Toward Sex Offenders scale, the Attitudes Toward Sex Offenders Treatment scale and the NEO Five-Factor Inventory to 418 students of Psychology, Law School and Criminology. The results revealed that students' attitudes toward sex offenders and their rehabilitation remained neutral, still positive. In addition, it was possible to verify differences between attitudes toward sex offenders and their rehabilitation, the sociodemographic variables, namely, students' courses and year of instruction. Additionally, two regressions were performed, and it was found that students' age, year of instruction and the personality dimensions Openness to Experience and Agreeableness contributed to the models. Thus, these results reflect on the importance of including specific components of sexual offenders and their rehabilitation in the training of these students, given that many of these individuals will be able to work directly with these offenders.

Keywords: Attitudes; Rehabilitation; Sex offenders; Students

Índice

Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Declaração de integridade.....	iv
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice.....	vii
Atitudes de estudantes universitários relativamente a ofensores sexuais	8
Método.....	12
Amostra/ Participantes	12
Instrumentos	12
Procedimento	14
Análise de dados	12
Resultados	15
Atitudes em relação aos ofensores sexuais.....	15
Atitudes em relação à reabilitação de ofensores sexuais	16
Predição das atitudes relativamente aos ofensores e à sua reabilitação.....	19
Discussão.....	20
Referências	25

Índice de tabelas

Tabela 1 - <i>Características sociodemográficas da amostra</i>	12
Tabela 2 - <i>Score total da EAAS de acordo com as variáveis sociodemográficas Curso e Ano</i>	16
Tabela 3 - <i>Correlações de Pearson entre as variáveis da Personalidade e as atitudes dos estudantes</i>	16
Tabela 4 - <i>Pontuações médias da EATAS e os três Fatores dos estudantes</i>	17
Tabela 5 - <i>Pontuação total da EATAS e de cada Fator de acordo com a variável Sexo</i>	17
Tabela 6 - <i>EATAS e score de cada Fator de acordo com a variável sociodemográfica Curso</i>	18
Tabela 7 - <i>EATAS e score de cada Fator de acordo com a variável sociodemográfica Ano</i>	18
Tabela 8 - <i>Correlações de Pearson entre as variáveis da Personalidade e Idade e as atitudes dos estudante</i>	19
Tabela 9 - <i>Regressões lineares relativas às atitudes dos estudantes face aos ofensores sexuais.e atitudes face à eficácia da reabilitação dos ofensores sexuais</i>	19

Atitudes de estudantes universitários relativamente a ofensores sexuais

As atitudes são elementos complexos das nossas personalidades que englobam predisposições aprendidas que nos permitem pensar, sentir e agir em relação a uma pessoa ou objeto. Por outras palavras, as atitudes são avaliações – que podem ser positivas ou negativas - resultantes da nossa experiência (Ajzen & Fishbein, 2000; Allport, 1954, como citado em Erwin, 2001; Gonçalves & Vieira, 2005). Neste sentido, as atitudes ajudam-nos a interpretar o mundo que nos rodeia, a guiar o nosso comportamento e a transformar as nossas experiências em algo com significado (Erwin, 2001).

Uma vez que as atitudes parecem moldar e/ou influenciar os nossos comportamentos (Gonçalves & Viera, 2007) e permitem prever e explicar o comportamento (Ajzen & Fishbein, 2000), torna-se fundamental conhecer e analisar as atitudes dos indivíduos em relação aos ofensores. Nesta perspetiva, as atitudes permitem prever as perceções acerca da punição (Kjelberg & Loos, 2008), os julgamentos acerca da punição (Hogue & Peebles, 1997), assim como a eficácia da reabilitação.

A preferência por políticas mais punitivas face a ofensores pode ser influenciada pelo medo de se ser vítima de um crime (Singer et al., 2020), pois a sociedade tende a perceber a maioria dos ofensores como violentos, cruéis e temíveis (Dowler, 2003). Neste sentido, as atitudes da comunidade relativamente aos ofensores podem condicionar o sucesso da reintegração destes e o conseqüente impacto do encarceramento (Hirschfield & Piquero, 2010). No estudo das atitudes face aos ofensores, os estudantes assumem um papel importante, principalmente, indivíduos que se encontrem em formação em cursos relacionados com a área da justiça, nomeadamente estudantes de Psicologia, Direito e Criminologia. Estes estudantes têm uma maior probabilidade de trabalhar diretamente com ofensores (Moak et al., 2020), tanto na sua reabilitação como na sua reintegração na comunidade. Posto isto, torna-se fulcral avaliar as atitudes destes estudantes, pois, no futuro, as suas atitudes poderão exercer influência na sua prática profissional (Harper, Hogue & Bartels, 2017; Mustaine, Tewksbury, Connor, & Payne, 2015).

As atitudes em relação aos ofensores têm sido avaliadas em diversos contextos. Melvin, Gramling e Gardner (1985) desenvolveram um estudo com o objetivo de avaliar as atitudes de diferentes grupos de indivíduos face aos ofensores. Segundo estes autores, as atitudes dos estudantes universitários eram mais positivas quando comparadas com as atitudes da comunidade e dos guardas prisionais. Para além deste estudo, outro foi realizado com o objetivo de avaliar atitudes face a ofensores em três amostras (i.e., delinquentes, estudantes universitários e funcionários da prisão). Os resultados revelaram que os estudantes eram o grupo com as atitudes menos positivas. Todavia, os estudantes que estavam envolvidos em cursos relacionados com o cuidado dos outros apresentaram atitudes mais positivas, comparativamente, com as

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

atitudes dos estudantes de outros cursos (Kjelsberg, Skoglund & Rustad, 2007). Os resultados de estudos portugueses que pretendem avaliar atitudes relativamente a ofensores indicam que as atitudes de guardas prisionais e as atitudes de polícias são menos positivas (Carvalho, 2019; Cunha & Gonçalves, 2017; Gonçalves & Vieira, 2005; Gonçalves & Vieira, 2007), quando comparadas às atitudes de estudantes (Gonçalves & Vieira, 2007).

No caso concreto dos ofensores sexuais, os *media* têm depositado muita atenção neste grupo específico de ofensores. Tal foco pode gerar medo e ansiedade e pode refletir as reações extremamente negativas da opinião pública, contribuindo para o desenvolvimento de atitudes e opiniões negativas acerca deste grupo de ofensores (Brown, Deakin & Spencer, 2008; Kim, Benekos, & Merlo, 2016; Olver & Barlow, 2010). Neste sentido, apesar de existirem evidências de que a reabilitação dos ofensores sexuais é eficaz (Clarke, Brown & Völm, 2017; Kim et al., 2016), permanece o ceticismo de que o tratamento não produz quaisquer resultados (Brown, 1999; Katz-Schiavone, Levenson, & Ackerman, 2008). Esta apreensão pode contribuir para a adoção de políticas mais punitivas e pode ofuscar a necessidade de existirem programas de reabilitação para os ofensores sexuais (Kim et al., 2016), uma vez que a perceção que a sociedade tem sobre este grupo de ofensores tem grandes implicações na sua reintegração (Harper et al., 2017; Harper & Hogue, 2015). Existem diversos fatores que parecem produzir um efeito negativo nas atitudes da sociedade relativamente a ofensores sexuais como, por exemplo, as características do ofensor (i.e., idade, sexo) e a gravidade do crime. Nesta perspetiva, as pessoas tendem a perceber os crimes sexuais como sendo aqueles que causam maior dano à vítima, levando à existência de atitudes mais punitivas em relação a este grupo de ofensores (Rogers & Ferguson, 2011), podendo ainda existir uma visão estereotipada e enviesada em relação aos ofensores sexuais (Olver & Barlow, 2010). Neste ponto de vista, quando se pretende avaliar as atitudes de determinado grupo relativamente aos ofensores sexuais considera-se que as atitudes positivas face a este grupo estão associadas a sujeitos normais, capazes de mudar e as atitudes negativas estão associadas a indivíduos desviantes e incuráveis (Kjelberg & Loos, 2008).

Neste sentido, Hogue (1993) desenvolveu um estudo com o objetivo de comparar as atitudes de cinco grupos de profissionais (i.e., polícias, guardas prisionais não ligados à reabilitação, guardas prisionais ligados à reabilitação, psicólogos e ofensores sexuais) em relação a ofensores no geral e a ofensores sexuais. Os resultados revelaram que os cinco grupos apresentaram as atitudes mais positivas em relação aos ofensores no geral quando comparadas com as atitudes desses grupos face aos ofensores sexuais. Mais concretamente, verificou-se que os guardas prisionais ligados à reabilitação de ofensores, os psicólogos e os ofensores sexuais possuíam atitudes mais favoráveis relativamente aos ofensores no geral e a ofensores sexuais. Estes resultados têm sido replicados por outras investigações (Blagden, Winder & Hames, 2016, Day et al., 2014; Higgins & Ireland, 2009; Lea, Auburn & Kibblewhite, 1999), concluindo que a experiência

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

de trabalhar com ofensores sexuais parece ter influência nas atitudes dos profissionais (Day et al., 2014; Harper et al., 2017; Mustaine et al., 2015).

A literatura tem vindo ainda a demonstrar que as atitudes de pessoas da comunidade face aos ofensores sexuais e, mais concretamente, dos estudantes são menos favoráveis quando comparadas com as atitudes dos profissionais que trabalham com este grupo de ofensores (Call, 2019; Challinor & Duff, 2019; Gakhal & Brown, 2011; Higgins & Ireland, 2009; Kjelsberg & Loos, 2008), indicando que as atitudes em relação aos ofensores sexuais não são estáticas (Kerr, Tully, & Völlm, 2018). Uma possível explicação para tal disparidade reside no facto de a maioria das pessoas não contactarem, pessoalmente, com ofensores sexuais (Kjelsberg & Loos, 2008) e pelo facto de estas atitudes poderem ser influenciadas pelos estereótipos expostos pelos *media*, havendo a possibilidade de gerar medo (Challinor & Duff, 2019; Kjelsberg & Loos, 2008). Gakhal e Brown (2011) desenvolveram um estudo com o objetivo de estudar as atitudes face aos ofensores sexuais em três amostras distintas (i.e., estudantes, comunidade e profissionais que trabalham com este grupo de ofensores), cujos resultados demonstraram que os estudantes detinham as atitudes mais positivas, quando comparadas com as atitudes da comunidade. Importa referir que, apesar de haver esta disparidade, as atitudes da comunidade e dos estudantes enquadraram-se no foro da “indecisão” dando a entender que poderá existir pouco conhecimento sobre este grupo de ofensores.

Indivíduos com atitudes mais negativas face aos ofensores sexuais têm também maior probabilidade de acreditar que a reabilitação não será eficaz, validando, assim, a hipótese de que as atitudes em geral face a um grupo social influenciam as atitudes específicas em relação a esse grupo (Church, Sun, & Li, 2011). Neste contexto, relativamente à reabilitação dos ofensores sexuais, as atitudes da comunidade e dos estudantes parecem ser favoráveis, havendo o consenso de que a reabilitação deveria ser obrigatória (Brown, 1999; Brown et al., 2008; Church et al., 2011), pese embora, a sua eficácia seja percecionada como pouco eficaz (Church et al., 2011). Além do mais, existe a ideia de que este grupo de ofensores deve usufruir de um tratamento apropriado (Mancini & Budd, 2013) e ilimitado (Valliant, Furac, & Antonowicz, 2006), conjuntamente, com medidas punitivas (i.e., penas de prisão longas) (Brown, 1999).

Ademais, alguns estudos têm, também, aferido acerca da influência das variáveis sociodemográficas nestas atitudes, não obstante pareça não existir consenso (Dum, Socia, Long & Yarrison, 2019; Harper & Hogue, 2015; Higgins & Ireland, 2009; Höing, Petrina, Duke, Völlm, & Vogelvang, 2016; Katz-Schiavone et al., 2008; Olver & Barlow, 2010; Shackley, Weiner, Day, & Willis, 2014). Mais concretamente, alguns estudos mostram que pessoas com nível educacional superior e mais velhas tendencialmente têm atitudes menos negativas em relação a este grupo de ofensores (Dum et al., 2019; Harper & Hogue, 2015; Höing et al., 2016; Kjelsberg & Loos, 2008; Shackley et al., 2014). No entanto, no que concerne à variável sexo, não há consenso na literatura, havendo estudos que demonstram que as mulheres têm atitudes menos negativas

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

face aos ofensores sexuais (Higgins & Ireland, 2009) e outros estudos que demonstram que os homens têm as atitudes menos negativas (Harper & Hogue, 2015; Höing et al., 2016; Olver & Barlow, 2010).

A personalidade parece ser um fator psicológico que está relacionado com as atitudes em geral e com as atitudes relativamente a ofensores e ofensores sexuais. A personalidade pode ser definida como estilos duradouros de pensar, agir e sentir que caracterizam um indivíduo (Costa, McCrae, & Kay, 1995). No estudo de Olver e Barlow (2010) foram comparadas as atitudes de estudantes universitários de psicologia relativamente a ofensores sexuais. Estes hipotetizaram que os traços de personalidade “Abertura à experiência” (O) e “Amabilidade” (A) estariam associados a atitudes mais liberais e de reabilitação face a este grupo. Como esperado, estes traços mostraram-se positivamente correlacionados com atitudes face à reabilitação, nomeadamente, a sua capacidade e desejo de mudar, a eficácia do tratamento e o direito dos indivíduos que cometeram erros se redimirem. Além disso, os resultados mostraram que o traço “Extroversão” (E) está relacionado com atitudes mais negativas em relação a ofensores sexuais, como por exemplo, a necessidade de sanções mais punitivas.

Em Portugal, apesar de existirem alguns estudos sobre atitudes em relação aos ofensores em geral, os estudos sobre atitudes relativamente aos ofensores sexuais são escassos. Contudo, os crimes sexuais têm vindo a ganhar atenção por parte dos *media*, captando o interesse do público em geral. Consequentemente, a maior visibilidade dada a este tipo de crimes tem contribuído para a formação de perceções, opiniões, crenças e atitudes negativas acerca deste tipo de ofensores (Church et al., 2011; Purvis, Warde & Devilly, 2003).

Face ao anteriormente exposto, o presente estudo pretende analisar as atitudes dos estudantes de Psicologia, Direito e Criminologia face aos ofensores sexuais e face à sua reabilitação. Assim sendo, destacam-se três objetivos: (1) compreender as atitudes dos estudantes universitários relativamente aos ofensores sexuais, (2) compreender as atitudes dos estudantes universitários face à reabilitação dos ofensores sexuais e (3) averiguar se as atitudes em relação aos ofensores sexuais variam em função de variáveis sociodemográficas (i.e., curso, ano, idade e sexo) e de personalidade (i.e., Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade)

Tendo em conta os objetivos, foram formuladas três hipóteses para este estudo:

H1: Estudantes de Psicologia, com mais escolaridade, mais velhos, com níveis mais elevados na dimensão “Amabilidade” e “Abertura à experiência” e níveis mais baixos na dimensão “Extroversão” têm atitudes mais positivas relativamente aos ofensores sexuais.

H2: Verificar-se-á uma subestimação da eficácia da reabilitação de ofensores sexuais nos diferentes grupos.

H3: Existem diferenças entre os estudantes do sexo feminino e do sexo masculino face às atitudes

em relação aos ofensores sexuais e à sua reabilitação.

Método

Amostra/Participantes

A amostra do presente estudo é composta por 418 estudantes da Universidade Lusíada do Porto, selecionados de acordo com um processo de amostragem não-probabilístico por conveniência. De entre estes, 99 (23.7%) frequentavam o curso de Psicologia, 227 (54.3%) frequentavam o curso de Direito e 92 (22.0%) frequentavam o curso de Criminologia. 176 (42.1%) estudantes encontravam-se inscritos no 1º ano, 99 (23.7%) no 2º ano, 101 (24.2%) no 3º ano e 42 (10%) no 4º ano. 327 participantes eram do sexo feminino (78.2%) e 91 do sexo masculino (21.8%), com idades compreendidas entre os 18 e os 63 anos ($M = 21.32$; $DP = 4.696$). Na tabela 1 apresentam-se as principais características sociodemográficas da amostra.

Tabela 1

Características sociodemográficas da amostra

		<i>n</i>	<i>%</i>
Curso	Psicologia	99	23.7%
	Direito	227	54.3%
	Criminologia	92	22.0%
Ano	1º ano	176	42.1%
	2º ano	99	23.7%
	3º ano	101	24.2%
	4º ano	42	10.0%
Sexo	Feminino	327	78.2%
	Masculino	91	21.8%
		Min - Máx	<i>M (DP)</i>
Idade		18 - 63	21.32 (4.696)

Nota. $n = 418$

Instrumentos

Os instrumentos utilizados neste estudo foram o Questionário Sociodemográfico, a Escala de Atitudes em relação a Agressores Sexuais (EAAS; Hogue, 1993), a Escala de Atitudes em relação ao Tratamento de Agressores Sexuais (EATAS; Wnuk, Chapman, & Jeglic, 2006) e o NEO *Five-Factor Inventory* (NEO-FFI; Costa & McCrae, 1989).

Este estudo faz parte de um projeto mais amplo denominado de “Atitudes em relação a Ofensores

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

e à sua reabilitação” desenvolvido pela Doutora Olga Cunha e pela Doutora Andreia Rodrigues, do qual fazem ainda parte a Escala de Atitudes em relação aos Delinquentes (EARD; Gonçalves & Vieira, 2007) e o Questionário de Percepções acerca das Sanções Penais (Castro Rodrigues & Gonçalves, 2016). No entanto, estes não foram analisados neste estudo.

O Questionário Sociodemográfico foi construído especificamente para este estudo e teve como objetivo a recolha de informação sociodemográfica acerca dos participantes, nomeadamente, idade, sexo, curso e ano, experiência profissional prévia e posicionamento político.

A Escala de Atitudes em relação a Agressores Sexuais (EAAS; Attitudes Toward Sex Offenders (ATS; Hogue, 1993) é uma escala de autorrelato que tem como objetivo avaliar as atitudes em relação a ofensores sexuais, desenvolvida a partir da escala Attitudes toward Prisoners (ATP; Melvin et al., 1985). É constituída por 36 itens organizados numa escala do tipo *Likert* de cinco pontos, variando de 1- “Discordo Fortemente” a 5- “Concordo Fortemente”. A EAAS contém itens como “Os agressores sexuais nunca mudam” e “Não me importaria de ter um ex-agressor sexual como vizinho”. Este instrumento é composto por 19 itens formulados na forma negativa e 17 itens na forma positiva. A cotação total varia entre 0 e 144 e é obtida através da soma de todos os itens, sendo necessário retirar uma constante 36. Quanto maior é a pontuação, mais atitudes positivas a pessoa tem em relação aos ofensores sexuais. Vários estudos demonstraram *alphas* de *Cronbach* de .86 (Craig, 2005), .96 (Higgins & Ireland, 2009), .94 (Kjelsberg & Loos, 2008), e .86 (Kleban & Jeglic, 2012), revelando boas características psicométricas. No presente estudo foi utilizada uma versão da escala traduzida para português (Cunha & Castro-Rodrigues, 2018), a qual se encontra em fase de validação. Na presente amostra a EAAS apresenta um *alpha* de *Cronbach* de .95, demonstrando a existência de uma consistência interna adequada.

A Escala de Atitudes em relação ao Tratamento de Agressores Sexuais (EATAS; Attitudes toward Treatment of Sex Offenders (ATTSO; Wnuk et al., 2006) tem como objetivo avaliar as atitudes relativamente ao tratamento de ofensores sexuais e à sua eficácia. Trata-se de um instrumento de autorrelato composto por 15 itens, avaliados numa escala do tipo *Likert* que varia entre 1- “Discordo Plenamente” a 5- “Concordo Plenamente” e a cotação total varia de 15 a 75. Os autores do instrumento original organizaram os 15 itens em três fatores. O Fator I denomina-se “Incapacidade” (“Independentemente do tratamento, todos os ofensores sexuais irão reincidir”), o Fator II denomina-se “Ineficácia do Tratamento” (“A psicoterapia não funcionará com ofensores sexuais”) e o Fator III denomina-se “Tratamento Obrigatório” (“Todos os ofensores sexuais devem ser tratados mesmo que não queiram”). Quanto maior for a pontuação total, mais atitudes negativas a pessoa tem em relação ao tratamento dos ofensores sexuais. A versão original revelou um *alpha* de *Cronbach* de .86 para os 15 itens e de .88 para o fator I, .81 para o fator II e .78 para o fator III (Wnuk et al., 2006). No presente estudo utilizou-se uma versão traduzida para português da escala (Cunha & Castro-

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

Rodrigues, 2018), a qual se encontra em validação para a população portuguesa. A presente amostra revelou um *alpha* de *Cronbach* de .89 para os 15 itens e de .91 para o Fator I, .79 para o Fator II e .67 para o Fator III.

O NEO *Five-Factor Inventory* (NEO-FFI; Costa & McCrae, 1992) é uma versão reduzida do NEO PI-R, que tem como objetivo avaliar as cinco dimensões da personalidade, nomeadamente, Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade. Este instrumento de autorrelato é composto por 60 itens (12 por dimensão) organizados numa escala do tipo Likert que varia entre 0 - “Discordo Fortemente” e 4 - “Concordo Fortemente”. O NEO-FFI contém 34 itens formulados na forma positiva e os restantes na forma negativa. Alguns exemplos de itens que representam cada dimensão são “Sinto-me muitas vezes inferior às outras pessoas” (Neuroticismo), “Rio facilmente” (Extroversão), “Quando encontro uma maneira correta de fazer qualquer coisa não mudo mais” (Abertura à Experiência), “Frequentemente arrango discussões com a minha família e colegas de trabalho” (Amabilidade) e “Sou bastante capaz de organizar o meu tempo de maneira a fazer as coisas dentro do prazo” (Conscienciosidade). A consistência interna revela ser adequada, tanto para a versão original, com *alphas* de *Cronbach* que variam entre .69 (Abertura à Experiência) e .86 (Neuroticismo) (Costa & McCrae, 1989), como para a versão portuguesa, variando entre .71 (Abertura à Experiência) e .81 (Conscienciosidade/Neuroticismo) (Pedroso-Lima et. Al, 2014). A presente amostra revelou um *alpha* de *Cronbach* de .80 para o Neuroticismo, .67 para a Extroversão, .63 para a Abertura à Experiência, .36 para a Amabilidade e .81 para a Conscienciosidade.

Procedimento

Inicialmente, foi solicitada autorização à Universidade Lusíada do Porto para recolha de dados (i.e., aplicação de questionários de autorrelato) entre os seus estudantes de licenciatura. Posteriormente, foram estabelecidos contactos com docentes dos diferentes cursos e anos por forma a obter a sua colaboração para que a recolha dos dados pudesse ser realizada em contexto de sala de aula. Obtida a colaboração dos docentes, procedeu-se à recolha de dados em contexto de sala de aula onde foram explicados aos estudantes os objetivos do estudo e os procedimentos, nomeadamente o carácter anónimo e confidencial do estudo, e assinado o consentimento informado. O tempo de preenchimento do protocolo variou entre 15 e 30 minutos.

Os dados foram recolhidos durante o ano de 2018 pela Doutora Olga Cunha e pela Doutora Andreia Rodrigues.

O presente estudo foi submetido à Comissão de Ética da Universidade do Minho.

Análise de dados

Os dados foram analisados através do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 25). Para a análise de dados, recorreu-se a estatística descritiva para a descrição das variáveis

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

sociodemográficas e dos resultados dos instrumentos. Recorreu-se ainda a estatística inferencial, nomeadamente, ao teste *ANOVA One - Way* para analisar as diferenças nas atitudes dos participantes em função do curso e do ano de escolaridade e testes *t* para amostras independentes para analisar as diferenças nas atitudes dos participantes em função do sexo. Realizaram-se ainda testes de correlação de *Pearson* por forma a analisar as correlações entre as atitudes e as variáveis da personalidade e da idade. Por último, realizaram-se regressões, nomeadamente, regressões lineares múltiplas a fim de identificar as variáveis que prediziam as atitudes face aos ofensores sexuais e as atitudes face à sua reabilitação.

Resultados

Atitudes em relação aos ofensores sexuais

Na EAAS, que mede atitudes em relação aos ofensores sexuais, os estudantes obtiveram uma pontuação média de 70.24 (DP = 15.57).

No que diz respeito ao sexo, não foram encontradas diferenças significativas, $t = -.812$, $p > .05$, verificando-se um score de 63.35 (DP = 21.90) para as mulheres e um score de 62.74 (DP = 21.57) para os homens.

Relativamente ao curso, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os três cursos, $F = 21.00$, $p = .000$, com um tamanho do efeito baixo $\omega = .09$. Analisadas as diferenças entre os três grupos, por recurso ao teste post-hoc de Bonferroni, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre Psicologia e Direito e entre Criminologia e Direito. Assim, verificou-se que os estudantes de Criminologia obtiveram as pontuações mais elevadas na EAAS, indicando que são os estudantes com atitudes mais positivas relativamente a ofensores sexuais. Por outro lado, os estudantes de Direito obtiveram as cotações mais baixas na EAAS, determinando que são os estudantes com as atitudes menos positivas face aos ofensores sexuais (cf. Tabela 2).

Também em relação ao ano de inscrição, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, $F = 3.76$, $p = .011$, com um tamanho do efeito baixo $\omega = .03$. Os testes de post-hoc de Bonferroni revelaram diferenças estatisticamente significativas entre estudantes do 2º ano e estudantes do 3º ano. Mais concretamente, verificou-se que os estudantes do 2º ano obtiveram as pontuações mais elevadas na EAAS, indicando que são os estudantes com atitudes mais positivas. Em contrapartida, os estudantes do 3º ano obtiveram as pontuações mais baixas na EAAS, demonstrando que são os estudantes com as atitudes menos positivas (cf. Tabela 2).

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

Já no que concerne à idade, não foram encontradas correlações estatisticamente significativas entre as atitudes dos estudantes face aos ofensores sexuais e a idade dos mesmos, $r = .028$, $p = .575$.

Tabela 2

Score total da EAAS de acordo com as variáveis sociodemográficas Curso e Ano

		EAAS		
		<i>N</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>F</i>
Curso	Psicologia	99	68.27 (21.12)	21.00*
	Direito	227	57.29 (20.96)	
	Criminologia	92	72.38 (20.18)	
Ano	1º ano	176	63.48 (20.01)	3.76*
	2º ano	99	68.66 (21.26)	
	3º ano	101	58.57 (24.87)	
	4º ano	34	61.28 (19.61)	

Nota. * $p < .05$

No que diz respeito aos domínios da personalidade, apenas se verificaram correlações positivas estatisticamente significativas entre a Abertura à Experiência e as atitudes dos estudantes em relação aos ofensores sexuais (cf. Tabela 3).

Tabela 3

Correlações de Pearson entre as variáveis da Personalidade e as atitudes dos estudantes

	Neuroticismo	Extroversão	Abertura à Experiência	Amabilidade	Conscienciosidade
EAAS	-.039	.012	.143*	.091	.009

Nota. * $p < .05$

Atitudes em relação à reabilitação de ofensores sexuais

Na EATAS, que avalia as atitudes em relação à reabilitação de ofensores sexuais, os estudantes obtiveram uma pontuação média de 34.20 (DP = 9.54). Relativamente aos fatores deste instrumento, os estudantes obtiveram uma pontuação média de 18.25 (DP = 6.76) para o Fator I, 10.60 (DP = 2.83) para o Fator II e 5.36 (DP = 2.14) para o Fator III (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Pontuações médias da EATAS e os três Fatores dos estudantes

	<i>Média (DP)</i>	<i>Min - Máx</i>
EATAS Total	34.20 (9.54)	15-75
Fator I	18.25 (6.76)	8-40
Fator II	10.60 (2.83)	4-20
Fator III	5.36 (2.14)	3-15

Nota. Fator I – “Incapacidade”; Fator II – “Ineficácia do Tratamento”; Fator III – “Tratamento Obrigatório”

No que concerne ao sexo, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as atitudes dos estudantes, o total do instrumento e os três fatores (cf. Tabela 5).

Tabela 5

Pontuação total da EATAS e de cada Fator de acordo com a variável Sexo

	<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>	<i>F</i>
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	
EATAS Total	33.95 (9.58)	35.12 (9.40)	-1.04
Fator I	18.11 (6.80)	18.75 (6.58)	-.804
Fator II	10.52 (2.96)	10.85 (2.33)	-.966
Fator III	5.32 (2.05)	5.52 (2.38)	-.823

Nota. Fator I – “Incapacidade”; Fator II – “Ineficácia do Tratamento”; Fator III – “Tratamento Obrigatório”; * $p < .05$

No que diz respeito ao curso, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre as atitudes dos estudantes e o total do instrumento, $F = 14.12$, $p = .000$, com um tamanho do efeito baixo $\omega = .06$. Os testes post-hoc de Bonferroni revelam a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes de Psicologia e Direito e de Criminologia e Direito. Mais especificamente, os resultados sugerem que os estudantes de Criminologia tinham as atitudes mais positivas e os estudantes de Direito tinham as atitudes menos positivas relativamente à reabilitação dos ofensores sexuais (cf. Tabela 6).

Também se verificaram diferenças estatisticamente significativas no Fator I, $F = 13.30$, $p = .000$, com um tamanho do efeito baixo $\omega = .06$. Os testes post-hoc de Bonferroni indicam existência de diferenças entre os estudantes do curso de Criminologia e Direito. Neste sentido, os estudantes de Criminologia evidenciaram apoiar a reabilitação face aos ofensores sexuais, comparativamente, aos estudantes de Direito (cf. Tabela 6).

Além disso, também se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre o curso dos

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

participantes e o Fator II, $F = 21.67$, $p = .000$, com tamanho do efeito baixo $\omega = .09$. Os testes post-hoc de Bonferroni demonstram a existência de diferenças entre os estudantes de Psicologia e Direito e entre os estudantes de Criminologia e Direito. Mais concretamente, estudantes de Psicologia apresentaram atitudes mais positivas relativamente à eficácia da reabilitação dos ofensores sexuais e estudantes de Direito apresentaram as atitudes mais negativas (cf. Tabela 6).

Finalmente, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o curso dos participantes e o Fator III, indicando que os estudantes dos três cursos consideraram que a reabilitação dos ofensores sexuais deveria ser obrigatória (cf. Tabela 6).

Tabela 6

EATAS e score de cada Fator de acordo com a variável sociodemográfica Curso

	<i>Psicologia</i>	<i>Direito</i>	<i>Criminologia</i>	
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>F</i>
EATAS Total	32.19 (10.16)	36.38 (9.35)	31.00 (7.98)	14.12*
Fator I	17.72 (7.67)	19.60 (6.38)	15.58 (5.65)	13.30*
Fator II	9.35 (2.77)	11.36 (2.88)	10.04 (2.15)	21.67*
Fator III	5.12 (1.90)	5.42 (2.22)	5.48 (2.12)	.850

Nota. Fator I – “Incapacidade”; Fator II – “Ineficácia do Tratamento”; Fator III – “Tratamento Obrigatório”;
* $p < .05$

Não foram, todavia, encontradas diferenças significativas nas atitudes dos estudantes em relação à reabilitação de ofensores sexuais em função do ano de curso frequentado (cf. Tabela 7).

Tabela 7

EATAS e score de cada Fator de acordo com a variável sociodemográfica Ano

	<i>1º ano</i>	<i>2º ano</i>	<i>3º ano</i>	<i>4º ano</i>	
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	<i>F</i>
EATAS Total	34.49 (9.58)	32.63 (9.20)	35.28 (9.57)	32.97 (10.02)	1.57
Fator I	18.74 (6.98)	16.76 (6.37)	18.65 (6.82)	17.74 (6.08)	2.01
Fator II	10.42 (2.88)	10.26 (2.74)	11.26 (2.76)	10.35 (2.87)	2.61
Fator III	5.32 (2.09)	5.61 (2.07)	5.38 (2.07)	4.88 (3.63)	1.03

Nota. Fator I – “Incapacidade”; Fator II – “Ineficácia do Tratamento”; Fator III – “Tratamento Obrigatório”;
* $p < .05$

Também não se verificaram correlações estatisticamente significativas entre as atitudes dos estudantes em relação ao tratamento de ofensores sexuais e a idade, tanto no total do instrumento como nos três fatores (cf. Tabela 8)

Os resultados alusivos aos domínios da personalidade são apresentados na tabela 8. Verificou-se

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

que os cinco domínios apresentaram correlações estatisticamente significativas com o total do instrumento. No que diz respeito ao Fator I, apenas a dimensão Extroversão não apresentou correlações estatisticamente significativas. No que concerne ao Fator II e III, apenas a dimensão Neuroticismo não apresentou correlações estatisticamente significativas com as atitudes dos estudantes face à reabilitação dos ofensores sexuais.

Tabela 8

Correlações de Pearson entre as variáveis da Personalidade e Idade e as atitudes dos estudantes

	Total EATAS	Fator I	Fator II	Fator III
Neuroticismo	.108*	.106*	.095	.021
Extroversão	-.124*	-.062	-.119*	-.201*
Abertura à Experiência	-.263*	-.258*	-.172*	-.130*
Amabilidade	-.253*	-.220*	-.179*	-.195*
Conscienciosidade	-.154*	-.114*	-.138*	-.147*
Idade	.015	-.001	.006	.063

Nota. Fator I – “Incapacidade”; Fator II – “Ineficácia do Tratamento”; Fator III – “Tratamento Obrigatório”;
* $p < .05$

Predição das atitudes relativamente aos ofensores sexuais e à sua reabilitação

Foi conduzida uma regressão linear com vista a identificar quais as variáveis (i.e., idade, sexo, curso, ano, as cinco dimensões da personalidade, pontuação total da EATAS) que melhor predizem as atitudes dos estudantes universitários em relação aos ofensores sexuais. Uma segunda regressão linear foi conduzida por forma a identificar as variáveis (i.e., idade, sexo, curso, ano, as cinco dimensões da personalidade, pontuação total da EAAS) que predizem as atitudes dos estudantes face à reabilitação dos ofensores sexuais. A tabela 9 apresenta as duas regressões.

A primeira regressão mostrou-se estatisticamente significativa $F(10, 399) = 38.93$; $p = .000$, explicando 48% da variância (R^2 ajustado = .48). As variáveis que contribuíram de forma significativa para o modelo foram a idade, o ano e a EATAS total. Os resultados sugerem que estudantes mais velhos ($\beta = .08$, $t = 2.02$, $p = .044$) e com atitudes mais positivas face à reabilitação de ofensores sexuais ($\beta = -.71$, $t = -18.89$, $p = .000$) têm uma probabilidade maior de evidenciarem atitudes mais positivas em relação aos ofensores sexuais. Inversamente, estudantes inscritos em anos mais avançados ($\beta = -.10$, $t = -2.56$, $p = .011$) tendem a evidenciar atitudes mais negativas face aos ofensores sexuais.

Tabela 9

Regressões lineares relativas às atitudes dos estudantes face aos ofensores sexuais e atitudes face à eficácia da reabilitação dos ofensores sexuais

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

	β	t	p	IC 95%
<i>Regressão I</i>				
Idade	.08	2.02	.044	[.01, .70]
Sexo	-.02	-.58	.561	[-5.2, 2.8]
Curso	.04	1.01	.315	[-1.1, 3.5]
Ano	-.10	-2.56	.011	[-3.7, -.48]
Neuroticismo	-.02	-.39	.701	[-.30, .20]
Extroversão	-.05	-1.25	.213	[-.52, .12]
Abertura à Experiência	-.004	-.12	.907	[-.33, .29]
Amabilidade	-.05	-1.17	.242	[-.63, .16]
Conscienciosidade	-.07	-1.72	.086	[-.55, .04]
EATAS total	-.71	-18.89	.000	[-1.8, -1.5]
<i>Regressão II</i>				
Idade	.07	1.86	.064	[-.01, .28]
Sexo	-.02	-.49	.623	[-2.1, 1.3]
Curso	-.01	-.39	.698	[-1.2, .79]
Ano	-.06	-1.69	.092	[-1.3, .10]
Neuroticismo	.01	.27	.791	[-.09, .12]
Extroversão	-.06	-1.51	.133	[-.24, .03]
Abertura à Experiência	-.11	-3.09	.002	[-.33, -.07]
Amabilidade	-.12	-2.95	.003	[-.42, -.08]
Conscienciosidade	-.07	-1.75	.082	[-.24, .01]
Score total EAAS	-.66	-18.89	.000	[-.32, -.26]

A segunda regressão também se mostrou estatisticamente significativa $F(10, 399) = 45.20$; $p = .000$, explicando 52% da variância (R^2 ajustado = .52). As variáveis que contribuíram de forma significativa para o modelo foram a Abertura à Experiência, a Amabilidade e o score total da EAAS. Os resultados mostram que estudantes com valores mais elevados nas dimensões de Abertura à Experiência ($\beta = -.11$, $t = -3.09$, $p = .002$) e Amabilidade ($\beta = -.12$, $t = -2.95$, $p = .003$) e com atitudes mais positivas em relação aos ofensores sexuais ($\beta = -.66$, $t = -18.89$, $p < .05$) têm uma maior probabilidade de evidenciarem atitudes mais positivas face à reabilitação de ofensores sexuais.

Discussão

O presente estudo tinha como principais objetivos compreender as atitudes de estudantes universitários dos cursos de Psicologia, Direito e Criminologia face aos ofensores sexuais e as atitudes destes face à reabilitação deste grupo de ofensores. Ademais, este estudo pretendeu averiguar se as atitudes em relação aos ofensores sexuais variam em função de variáveis sociodemográficas e de personalidade. Tendo em conta os objetivos deste estudo, as hipóteses formuladas foram: H1) Estudantes de Psicologia, com mais escolaridade, mais velhos, com níveis mais elevados na dimensão “Amabilidade” e “Abertura à experiência” e níveis mais baixos na dimensão “Extroversão” têm atitudes mais positivas relativamente aos ofensores sexuais; H2) Verificar-se-á uma subestimação da eficácia da reabilitação de ofensores sexuais nos diferentes

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

grupos; H3) Existem diferenças entre os estudantes do sexo feminino e do sexo masculino face às atitudes em relação aos ofensores sexuais e à sua reabilitação.

Tendo em conta as hipóteses formuladas, foi possível constatar que os estudantes demonstraram possuir atitudes favoráveis face aos ofensores sexuais e à sua reabilitação. Todavia, as atitudes mantiveram-se num espectro neutro, tendo em conta a mediana dos instrumentos administrados (i.e., EAAS e EATAS).

Os resultados revelaram que as atitudes dos estudantes em relação aos ofensores sexuais se apresentam tendencialmente neutras, indicando a existência de opiniões dúbias relativamente a este grupo de ofensores, o que vai ao encontro de outros estudos (Gakhal & Brown, 2011; Kjelsberg & Loos, 2008). Uma possível explicação para estes resultados reside na facilidade que os estudantes têm em obter informações imparciais, que pode levar à formação de atitudes menos negativas relativamente aos ofensores sexuais (Church et al., 2011). Estes resultados também podem ser explicados pelo facto de estes estudantes ainda não terem desenvolvido ideias claras sobre a punição e permanecerem “indecisos” quanto às suas perceções punitivas (Chen & Einat, 2017) e quanto à eficácia da intervenção com esta população. Por outro lado, a falta de formação específica sobre os ofensores sexuais e as variadas áreas de interesse destes estudantes podem influenciar a construção de atitudes positivas e/ou negativas, conservando as atitudes neutras acerca deste grupo de ofensores.

Ainda assim, foi possível verificar que as atitudes desta amostra revelam-se menos positivas do que as atitudes de profissionais que trabalham com ofensores sexuais (Gakhal & Brown, 2011; Higgins & Ireland, 2009; Hogue, 1993; Kjelsberg & Loos, 2008), sugerindo que o contacto direto com as histórias de vida dos ofensores sexuais e a experiência de trabalharem com este grupo de ofensores permite que as atitudes em relação a este grupo de ofensores se tornem menos punitivas (Chen & Einat, 2017). Esta interação parece aumentar o conhecimento sobre os fatores que contribuem para alguém cometer uma ofensa sexual, promover a empatia o que, conseqüentemente, parece promover a integração destes ofensores em climas terapêuticos e na sua reintegração para a comunidade (Challinor & Duff, 2019).

Os resultados também demonstraram que os estudantes de Criminologia apresentaram as atitudes mais positivas relativamente aos ofensores sexuais, não corroborando a hipótese previamente formulada de que os estudantes de Psicologia teriam as atitudes mais positivas. Na realidade, e pese embora a Psicologia se assuma como uma ciência que estuda a mente e o comportamento humano, este parece ocorrer de forma mais genérica ao longo do curso, não especificando questões relativas ao crime e aos seus perpetradores (principalmente nos primeiros anos). Por outro lado, o curso de Direito tem a finalidade de formar um conjunto de direitos e deveres que regulam as relações sociais. Já a Criminologia assume-se como uma área multidisciplinar que visa estudar o crime e os comportamentos desviantes de quem o perpetra, englobando o domínio das ciências sociais e o domínio jurídico. Assim, possivelmente o curso de

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

Criminologia permite um maior entendimento sobre ofensores desde o início do mesmo, na medida em que os estudantes têm acesso a diversas teorias e perspectivas sobre o comportamento criminal, o que os poderá levar a desenvolver atitudes menos punitivas em relação a este grupo de ofensores (Falco & Martin, 2012). A escassez formativa sobre o crime pode constituir grupos de estudantes com atitudes mais punitivas relativamente a ofensores (Falco & Martin, 2012), sugerindo futuras consequências nas funções destes estudantes enquanto profissionais na área da justiça.

Foi ainda possível verificar-se diferenças ao nível das atitudes em relação aos ofensores sexuais e a idade dos participantes. Ou seja, estudantes mais velhos têm uma maior probabilidade de evidenciarem atitudes mais positivas relativamente aos ofensores sexuais. Tal vai ao encontro de outros estudos que têm vindo a demonstrar que pessoas mais velhas tendem a ter atitudes mais positivas face aos ofensores sexuais (Carvalho, 2019; Cunha & Gonçalves, 2017; Dum et al., 2019). Assim, uma possível explicação para estes resultados reside no facto de estudantes mais novos desenvolverem atitudes menos favoráveis face aos ofensores sexuais devido aos estereótipos e preconceitos que aprenderam através da transmissão de crenças por parte da sociedade acerca do crime e dos ofensores (Cunha & Gonçalves, 2017), sugerindo que a socialização pode ser mais influente na formação de opiniões em pessoas mais jovens (Sindall, McCarthy, & Brunton-Smith, 2017).

Foi possível verificar-se diferenças entre as atitudes dos estudantes face aos ofensores sexuais e o ano de instrução. Isto é, os resultados demonstraram que estudantes em anos de instrução mais avançados têm uma maior probabilidade de evidenciarem atitudes mais negativas, indo de encontro à literatura já existente (Dum et al., 2019; Harper & Hogue, 2015; Höing et al., 2016; Kjelsberg & Loos, 2008; Shackley et al., 2014). Efetivamente, existem evidências de que à medida que os estudantes vão avançando na sua formação, mais atitudes positivas se vão formando relativamente ao crime e à punição devido à aquisição de conhecimentos (Farnworth, Longmire & West, 1998). Contudo, uma possível explicação para estes resultados reside no facto de a escolaridade ser algo mais abrangente do que o ano de instrução. A escolaridade corresponde ao nível mais elevado de ensino que uma pessoa conclui (i.e., ensino básico, ensino secundário, ensino universitário), enquanto que o ano de instrução representa um subnível da escolaridade (i.e., primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, quarto ano). Assim, esta amostra de estudantes em diferentes anos de instrução ainda não concluiu o ensino universitário e as suas atitudes e opiniões acerca dos ofensores sexuais podem ainda não estar definidas. Uma maneira de perceber se a experiência universitária pode influenciar as atitudes dos estudantes face aos ofensores sexuais pode passar por realizar um estudo longitudinal que avalie as atitudes no início do primeiro ano e no fim do último ano de universidade.

Os resultados sugeriram ainda que as atitudes dos estudantes relativamente aos ofensores sexuais

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

estão inerentemente associadas às atitudes face à reabilitação deste grupo de ofensores, o que também vai ao encontro da literatura existente (Church et al., 2011). De uma forma geral, foi possível averiguar que, apesar de as atitudes permanecerem neutras, os estudantes apoiam a reabilitação de ofensores sexuais e defendem que esta deveria ser implementada com todos (Brown, 1999; Brown et al., 2008; Church et al., 2011). No entanto, parecem revelar algumas dúvidas relativamente à eficácia da mesma, refletindo uma possível falta de conhecimento sobre a reabilitação e ceticismo face à eficácia (Church et al., 2011). Mais concretamente, os estudantes de Criminologia possuem as atitudes mais favoráveis face aos ofensores sexuais e, conseqüentemente, também possuem as atitudes mais positivas relativamente à reabilitação enquanto que os estudantes de Direito possuem as atitudes mais negativas. Tal parece indicar que as atitudes referentes a um grupo social podem influenciar as atitudes mais específicas acerca desse grupo (Church et al., 2011) e vice-versa.

Relativamente às variáveis da personalidade, foi possível observar que os estudantes com níveis mais altos na dimensão Abertura à Experiência e na dimensão Amabilidade têm maior probabilidade de ter atitudes mais positivas face aos ofensores sexuais e à sua reabilitação. A literatura tem vindo a demonstrar que níveis altos em ambas as dimensões estão correlacionados com atitudes mais positivas relativamente à reabilitação dos ofensores sexuais (Olver & Barlow, 2010). A dimensão Abertura à Experiência está relacionada com a aceitação da diversidade e a dimensão Amabilidade está relacionada com a benevolência e com o perdão e ambas as dimensões estão relacionadas com a flexibilidade cognitiva (Katovsich, 2007; Roccas, Sagiv, Schwartz, & Knafo, 2002). Neste sentido, as atitudes mais brandas dos estudantes face aos ofensores sexuais e à sua reabilitação podem ser explicadas pelos valores intrínsecos às dimensões da personalidade de cada estudante. Por outro lado, a dimensão Extroversão não foi associada à probabilidade de estudantes terem atitudes positivas, talvez pelo facto de esta dimensão estar relacionada com emoções positivas face ao contacto interpessoal (Olver & Barlow, 2010). Contudo, apesar de as cinco dimensões estarem interligadas e qualquer padrão de personalidade poder surgir, é possível que alguns padrões específicos estejam correlacionados com as atitudes face aos ofensores sexuais (Olver & Barlow, 2010).

Os resultados indicaram não haver diferenças entre o sexo e as atitudes dos ofensores sexuais e a sua reabilitação, o que se mostra congruente com alguns estudos anteriores (Challinor & Duff, 2019; Kjelberg & Loos, 2008). Não obstante, é de notar que a amostra deste estudo é constituída maioritariamente por participantes do sexo feminino, o que pode, desde logo, condicionar a comparação entre sexo. Todavia, torna-se complicado controlar esta disparidade uma vez que os cursos estudados são constituídos maioritariamente por mulheres. Ademais, estes resultados podem representar um lado encorajador, pois ambos os sexos revelaram possuir atitudes neutras mas favoráveis relativamente aos ofensores sexuais e à sua reabilitação, sugerindo a existência de implicações positivas na prática profissional dos estudantes que

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

eventualmente irão contactar com este grupo de ofensores.

Mediante o que foi exposto, foi possível constatar a existência de uma neutralidade nas atitudes relativamente a ofensores sexuais. Nesta perspetiva, é necessário avaliar as atitudes e modificar o conhecimento destes estudantes acerca deste grupo de ofensores e da sua reabilitação, pois são o grupo de futuros profissionais que têm maior probabilidade de trabalhar com ofensores sexuais (Wurtele, 2018). Para tal, poderia ser útil desenvolver um programa formativo sobre ofensores sexuais, a eficácia da reabilitação e a taxa de reincidência para os estudantes interessados em trabalhar com este grupo de ofensores. A literatura sugere que um programa psicoeducacional é eficaz em influenciar as atitudes face aos ofensores sexuais e à sua reabilitação, em modificar a ideia de sentenças mais punitivas e em eliminar as perceções erróneas mais comuns acerca deste grupo de ofensores (Kleban & Jeglic, 2012; Wurtele, 2018). Não obstante a eficácia dos programas formativos, é necessário compreender se as atitudes face aos ofensores sexuais são passíveis de serem modificadas através de treino e de educação, visto que estas atitudes podem estar enraizadas no sistema de crenças dos indivíduos (Kjelberg & Loos, 2008), dificultando o processo de compreensão acerca dos ofensores sexuais e as razões pelas quais perpetraram o crime.

As atitudes podem ainda estar associadas ao nível de empatia que uma pessoa sente relativamente a um determinado sujeito ou grupo. Assim, a empatia corresponde à capacidade que cada um tem de se projetar na vida de outro e de compreender as emoções de outro, funcionando como uma competência inata à maioria dos humanos (Davis, 1996). Neste sentido, talvez seja importante aferir a capacidade empática de estudantes interessados em trabalhar com ofensores sexuais, pois a empatia poderá criar uma relação empática entre o profissional e o ofensor, permitindo uma melhor compreensão dos atos perpetrados por este.

Em suma, foi possível constatar que as hipóteses 2) e 3) não foram corroboradas e a hipótese 1) foi corroborada parcialmente. Ademais, foi possível verificar que as atitudes dos estudantes de Psicologia, Direito e Criminologia são favoráveis face aos ofensores sexuais e à sua reabilitação, pese embora, permaneçam num espectro neutro. As razões para esta neutralidade podem compreender o acesso mais facilitado destes estudantes a informações relativas a ofensores sexuais, o desinteresse relativamente a este tópico, o facto de os estudantes ainda não terem expandido as suas ideias sobre o crime e a falta de formação específica acerca dos ofensores sexuais. Assim, o estudo remete para a importância de avaliar as atitudes dos estudantes com maior probabilidade de trabalharem com ofensores sexuais pois as atitudes e perceções destes sobre ofensores sexuais poderão ter implicações futuras na reabilitação e nas políticas adotadas para com este grupo de ofensores e na visão que têm das vítimas (Falco & Martin, 2012; Harper, Hogue & Bartels, 2017; Mustaine et al., 2015).

É possível esboçar um conjunto de limitações e sugestões no presente estudo que futuras pesquisas

devem ter em atenção.

Uma das limitações deste estudo prende-se com o facto de a amostra de estudantes ser apenas de uma universidade, não sendo possível generalizar estes resultados para a população portuguesa. Assim, sugere-se que outros estudos avaliem as atitudes de estudantes noutras universidades para que seja possível comparar os diversos resultados e generalizá-los. Outra limitação deste estudo está relacionada com o facto de não se ter diferenciado o sexo e o tipo de ofensores sexuais. A literatura tem vindo a demonstrar que estas duas variáveis podem exercer influência nas atitudes de estudantes, profissionais e público em geral, contribuindo para opiniões e perceções negativas ou positivas relativamente aos ofensores sexuais. Uma terceira limitação que não foi considerada neste estudo está relacionada com o facto de as atitudes mudarem ao longo do tempo. As atitudes são um conjunto de crenças inerentes a cada um dos indivíduos. Neste sentido, apesar de se ter aferido as atitudes de estudantes de diversos anos, não se aferiu se as atitudes de cada um foram mudando ao longo do tempo, havendo a necessidade de se realizar um estudo longitudinal que abranja o antes, o durante e o após da formação. A última limitação consiste no facto de se ter recorrido à investigação quantitativa, aplicando-se instrumentos de autorrelato neste estudo. Este tipo de investigação recolhe informações sobre a orientação de cada participante face a um objeto atitudinal, no entanto, não recolhe as razões atitudinais de cada participante. Assim, sugere-se a realização de entrevistas a cada participante conjuntamente com a administração de instrumentos de autorrelato com o objetivo de examinar de forma aprofundada as atitudes face aos ofensores sexuais e à sua reabilitação.

Referências

- Ajzen, I., & Fishbein, M. (2000). Attitudes and the Attitude-Behavior Relation: Reasoned and Automatic Processes. *European Review of Social Psychology*, 11(1), 1–33. <https://doi.org/10.1080/14792779943000116>
- Blagden, N., Winder, B., & Hames, C. (2016). “they Treat Us Like Human Beings”- Experiencing a Therapeutic Sex Offenders Prison. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 60(4), 371–396. <https://doi.org/10.1177/0306624X14553227>
- Brown, S. (1999). Public attitudes toward the treatment of sex offenders. *Legal and Criminological Psychology*, 4(2), 239–252. <https://doi.org/10.1348/135532599167879>
- Brown, S., Deakin, J., & Spencer, J. (2008). What People Think About the Management of Sex Offenders in the Community. *The Howard Journal of Criminal Justice*, 47(3), 259–274. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2311.2008.00519.x>

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

- Call, C. (2019). Why Would They Do Such a Thing?: Views from Community Corrections Professionals and the General Public on the Causes of Sex Offending. *Criminology, Criminal Justice, Law, and Society*, 20(3), 64–79.
- Carvalho, F. (2019). *Atitudes de Guardas Provisórios da Guarda Nacional Republicana face aos delinquentes* (Master's thesis, Universidade do Minho). Retrieved from <http://hdl.handle.net/1822/61509>
- Challinor, L., & Duff, S. (2019). Forensic Staff Attitudes Toward Men Who Have Sexually Offended: A General Public Comparison. *Journal of Forensic Nursing*, 15(2), 110–119. <https://doi.org/10.1097/JFN.0000000000000238>
- Chen, G., & Einat, T. (2017). To Punish or Not to Punish - That Is the Question: Attitudes of Criminology and Criminal Justice Students in Israel Toward Punishment. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 61(3), 347–367. <https://doi.org/10.1177/0306624X15595061>
- Clarke, M., Brown, S., & Völm, B. (2017). Circles of Support and Accountability for Sex Offenders: A Systematic Review of Outcomes. *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment*, 29(5), 446–478. <https://doi.org/10.1177/1079063215603691>
- Costa P. T., & McCrae, R. R. (1989). *The NEO PI Manual Supplement*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). *The Revised NEO-PI/NEO-FFI Professional Manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Costa, P. T., McCrae, R. R., & Kay, G. G. (1995). Persons, Places, and Personality: Career Assessment Using the Revised NEO Personality Inventory. *Journal of Career Assessment*, 3(2), 123–139. <https://doi.org/10.1177/106907279500300202>
- Church, W. T., Sun, F., & Li, X. (2011). Attitudes Toward the Treatment of Sex Offenders: A SEM Analysis. *Journal of Forensic Social Work*, 1(1), 82–95. <https://doi.org/10.1080/1936928x.2011.541213>
- Cunha, O. S., & Gonçalves, R. A. (2017). Policing : An International Journal of Police Strategies & Management Article information. *International Journal of Police Strategies & Management*, 40, 3–23. <http://dx.doi.org/10.1108/PIJPSM-02-2016-0013>
- Davis, M. H. (1996). *Empathy: a social psychological approach*. Colorado: Westview Press.
- Day, A., Boni, N., Hobbs, G., Carson, E., Whitting, L., & Powell, M. (2014). Professional attitudes to sex offenders: Implications for multiagency and collaborative working. *Sexual Abuse in Australia and New Zealand: An Interdisciplinary Journal*, 6(1), 12–19.

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

- Dowler, K. (2003). Media consumption and public attitudes toward crime and justice: The relationship between fear of crime, punitive attitudes, and perceived police effectiveness. *Journal of Criminal Justice and Popular Culture*, *10*(2), 109–126.
- Dum, C. P., Socia, K., M., Long, B., L. & Yarrison, F. (2019). Would God forgive? Public Attitudes Toward Sex Offenders in Places of Worship. *Sexual Abuse*, *0*(00), 1-24. <https://doi.org/10.1177/1079063219839498>
- Egan, V., Deary, I., & Austin, E. (2000). The NEO-FFI : emerging British norms and an item-level analysis suggest N , A and C are more reliable than O and E. *Personality and Individual differences*, *29*(5), 907-920. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(99\)00242-1](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(99)00242-1)
- Erwin, P. (2001). Attitudes: definitions and theories. In P. Hinton (Ed.), *Attitudes and Persuasion* (1-20). East Sussex: Psychology Press Ltd.
- Falco, D. L., & Martin, J. S. (2012). Examining Punitiveness: Assessing Views Toward the Punishment of Offenders Among Criminology and Non-Criminology Students. *Journal of Criminal Justice Education*, *23*(2), 205–232. <https://doi.org/10.1080/10511253.2011.631931>
- Farnworth, M., Longmire, D. R., & West, V. M. (1998). College students' views on criminal justice. *International Journal of Phytoremediation*, *21*(1), 39–57. <https://doi.org/10.1080/10511259800084171>
- Field, A. (2005). *Discovering Statistics Using Spss Third Edition*. In *Sage* (Vol. 2nd). <https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2008.06.008>
- Fortney, T., Levenson, J., Brannon, Y., & Baker, J. N. (2007). Myths and Facts about Sexual Offenders: Implications for Treatment and Public Policy Who commits sexual assaults? *Sexual Offender Treatment*, *2*(1), 1–24.
- Gakhal, B. K., & Brown, S. J. (2011). A comparison of the general public's, forensic professionals' and students' attitudes towards female sex offenders. *Journal of Sexual Aggression*, *17*(1), 105–116. <https://doi.org/10.1080/13552600.2010.540678>
- Gonçalves, R. A., & Vieira, S. (2005). Atitudes face aos reclusos em guardas prisionais: Implicações para a formação do pessoal penitenciário. *Temas Penitenciários, Série III*(1–2), 23–28. <https://doi.org/Ficha de leitura 12>
- Harper, C. A., & Hogue, T. E. (2015). Measuring public perceptions of sex offenders: reimagining the Community Attitudes Toward Sex Offenders (CATSO) scale. *Psychology, Crime and Law*, *21*(5), 452–470. <https://doi.org/10.1080/1068316X.2014.989170>

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

- Harper, C. A., Hogue, T. E., & Bartels, R. M. (2017). Attitudes towards sexual offenders: What do we know, and why are they important? *Aggression and Violent Behavior, 34*, 201–213. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.01.011>
- Higgins, C., & Ireland, C. A. (2009). Attitudes towards male and female sex offenders: A comparison of forensic staff, prison officers and the general public in Northern Ireland. *British Journal of Forensic Practice, 11*(1), 14–19. <https://doi.org/10.1108/14636646200900004>
- Hirschfield, P. J., & Piquero, A. R. (2010). Normalization and legitimation: Modeling stigmatizing attitudes toward ex-offenders. *Criminology, 48*(1), 27–55. <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.2010.00179.x>
- Hogue T (1993) Attitudes towards prisoners and sexual offenders. *Issues in Criminological and Legal Psychology* 9 27–32.
- Hogue, T. E. (1994). Training multi-disciplinary teams to work with sex offenders effects on staff attitudes. *Psychology, Crime & Law, 1*(3), 227–235. <https://doi.org/10.1080/10683169508411958>
- Hogue, T. E., & Peebles, J. (1997). The influence of remorse, intent and attitudes toward sex offenders on judgments of a rapist. *Psychology, Crime and Law, 3*(4), 249–259. <https://doi.org/10.1080/10683169708410821>
- Höing, M. A., Petrina, R., Duke, L. H., Völlm, B., & Vogelvang, B. (2016). Community support for sex offender rehabilitation in Europe. *European Journal of Criminology, 13*(4), 491–516. <https://doi.org/10.1177/1477370816633259>
- Katovsich, R. B. (2008). *Empathy and cognitive flexibility as correlates of forgiveness*. (Doctoral dissertation, Andrews University). Retrieved from <https://digitalcommons.andrews.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1482&context=dissertations>
- Katz-Schiavone, S., Levenson, J. S., & Ackerman, A. R. (2008). Myths and facts about sexual violence: Public perceptions and implications for prevention. *Journal of Criminal Justice and Popular Culture, 15*(3), 291-311.
- Katz-Schiavone, S., Levenson, J. S., & Ackerman, A. R. (2008). Myths and facts about sexual violence: Public perceptions and implications for prevention. *Journal of Criminal Justice and Popular Culture, 15*(3), 291-311.
- Kerr, N., Tully, R. J., & Völlm, B. (2018). Volunteering With Sex Offenders: The Attitudes of Volunteers Toward Sex Offenders, Their Treatment, and Rehabilitation. *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment, 30*(6), 659–675. <https://doi.org/10.1177/1079063217691964>

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

- Kim, B., Benekos, P. J., & Merlo, A. V. (2016). Sex Offender Recidivism Revisited: Review of Recent Meta-analyses on the Effects of Sex Offender Treatment. *Trauma, Violence, and Abuse, 17*(1), 105–117. <https://doi.org/10.1177/1524838014566719>
- Kjelsberg, E., Skoglund, T. H., & Rustad, A. B. (2007). Attitudes towards prisoners, as reported by prison inmates, prison employees and college students. *BMC Public Health, 7*, 1–9. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-7-71>
- Kjelsberg, E., & Loos, L. H. (2008). Conciliation or condemnation? Prison employees' and young peoples' attitudes towards sexual offenders. *International Journal of Forensic Mental Health, 7*(1), 95–103. <https://doi.org/10.1080/14999013.2008.9914406>
- Kleban, H., & Jeglic, E. (2012). Dispelling the myths: Can psychoeducation change public attitudes towards sex offenders? *Journal of Sexual Aggression, 18*(2), 179–193. <https://doi.org/10.1080/13552600.2011.552795>
- Kline, R. B. (2011). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling. Analysis* (3rd ed., Vol. 77). New York: The Guilford Press. <https://doi.org/10.1038/156278a0>
- Lea, S., Auburn, T., & Kibblewhite, K. (1999). Working with sex offenders: The perceptions and experiences of professionals and paraprofessionals. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 43*(1), 103–119. <https://doi.org/10.1177/0306624X99431010>
- Mancini, C., & Budd, K. M. (2013). Is the Public Convinced That “Nothing Works?”: Predictors of Treatment Support for Sex Offenders Among Americans. *Crime and Delinquency, 62*(6), 777–799. <https://doi.org/10.1177/0011128715597693>
- Melvin, K. B., Gramling, L. K., & Gardner, W. M. (1985). A Scale to Measure Attitudes toward Prisoners. *Criminal Justice and Behavior, 12*(2), 241–253. <https://doi.org/10.1177/0093854885012002006>
- Moak, S. C., Walker, J. T., Earwood, M., & Towery, G. (2020). Using Reentry Simulations to Promote Changes in Attitude toward Offenders: Experiential Learning to Promote Successful Reentry. *American Journal of Criminal Justice, 45*(1), 126–144. <https://doi.org/10.1007/s12103-019-09500-9>
- Mustaine, E. E., Tewksbury, R., Connor, D. P., & Payne, B. K. (2015). Criminal justice officials' views of sex offenders, sex offender registration, community notification, and residency restrictions. *Justice System Journal, 36*(1), 63–85. <https://doi.org/10.1080/0098261X.2014.965859>
- Olver, M. E., & Barlow, A. A. (2010). Public attitudes toward sex offenders and their relationship to personality traits and demographic characteristics. *Behavioral sciences & the law, 28*(6), 832–849.

<https://doi.org/10.1002/bsl.959>

Pallant, J. (2016). *Survival Manual This is what readers from around the world say about the SPSS Survival Manual*. Open University Press.

Pedroso de Lima, M. P. de L., Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A.-J., Costa, J. J., Costa, M. J., & Costa, P. (2014). A versão portuguesa do NEO-FFI: Caracterização em função da idade, género e escolaridade. *Psicologia*, 28(2), 1–10. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v28i2.534>

Purvis, M., Ward, T., & Devilly, G. (2003). Community corrections officers attributions for sexual offending against children. *Journal of Child Sexual Abuse*, 11, 101–123.

Roccas, S., Sagiv, L., Schwartz, S. H., & Knafo, A. (2002). The Big Five personality factors and personal values. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(6), 789–801.

<https://doi.org/10.1177/0146167202289008>

Rogers, D. L., & Ferguson, C. J. (2011). Punishment and rehabilitation attitudes toward sex offenders versus nonsexual offenders. *Journal of Aggression, Maltreatment and Trauma*, 20(4), 395–414.

<https://doi.org/10.1080/10926771.2011.570287>

Shackley, M., Weiner, C., Day, A., & Willis, G. M. (2014). Assessment of public attitudes towards sex offenders in an Australian population. *Psychology, Crime and Law*, 20(6), 553–572.

<https://doi.org/10.1080/1068316X.2013.793772>

Sindall, K., McCarthy, D. J., & Brunton-Smith, I. (2017). Young people and the formation of attitudes towards the police. *European Journal of Criminology*, 14(3), 344–364.

<https://doi.org/10.1177/1477370816661739>

Singer, A. J., Chouhy, C., Lehmann, P. S., Stevens, J. N., & Gertz, M. (2020). Economic anxieties, fear of crime, and punitive attitudes in Latin America. *Punishment and Society*, 22(2), 181–206.

<https://doi.org/10.1177/1462474519873659>

Valliant, P. M., Furac, C. J., & Antonowicz, D. H. (2006). Attitudes Toward Sex Offenders By Female Undergraduate University Students Enrolled in a Psychology Program. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 22(2), 105–110. <https://doi.org/10.2224/sbp.1994.22.2.105>

Wnuk, D., Chapman, J. E. & Jeglic, E. L. (2008). Development and Refinement of a Measure of Attitudes Toward Sex Offender Treatment. *Journal of Offender Rehabilitation*, 43(3), 35–47.

https://doi.org/10.1300/J076v43n03_03

Wurtele, S. K. (2018). University Students' Perceptions of Child Sexual Offenders: Impact of Classroom

ATITUDES DE ESTUDANTES RELATIVAMENTE AOS OFENSORES SEXUAIS

Instruction. *Journal of Child Sexual Abuse*, 27(3), 276–291.

<https://doi.org/10.1080/10538712.2018.1435598>